

DIÁLOGOS ENTRE LITTLE DOG E ROLAND BARTHES INTERMIDIALIDADE E INTERTEXTUALIDADE EM *ON EARTH WE'RE BRIEFLY GORGEOUS* (2019), DE OCEAN VUONG

Renato Lazo Leal Gomes
(Universidade Federal de Pernambuco)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
Renato Lazo Leal Gomes é mestrando em Estudos Literários na linha de pesquisa Perspectivas Culturais, Pós-coloniais e Decoloniais do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (PPGL/UFPE). Licenciado em Letras - Inglês pela mesma instituição. E-mail: lazarenato99@gmail.com

RESUMO	ABSTRACT
O objetivo deste estudo foi analisar a intermedialidade e a intertextualidade na inclusão de alusões ao acadêmico francês Roland Barthes (1915-1980) na carta de Little Dog, o protagonista do romance <i>On Earth We're Briefly Gorgeous</i> (2019), do autor vietnamita-americano Ocean Vuong (1988-). Mais especificamente, são referências aos livros <i>Le plaisir du texte</i> (1973), <i>Roland Barthes par Roland Barthes</i> (1975) e <i>Journal de deuil</i> (2009), os quais apresentam configurações textuais variadas. Portanto, foi necessário identificar como ocorrem os diálogos entre a carta e os formatos das outras obras através da linguagem. Em seguida, investigar as conexões temáticas das passagens da carta de Little Dog com os excertos barthesianos. Por fim, descrever como o impacto dessas conexões contribuem para a construção de significados na estrutura e no conteúdo do romance. O suporte teórico foi principalmente estabelecido pelos estudos de Clüver (2009; 2011) sobre a interação entre diferentes mídias e de Rajewsky (2012; 2015; 2020) sobre as subcategorias que envolvem os entrelaçamentos midiáticos. Os resultados mostraram que a intermedialidade aprimora a complexidade estrutural do romance epistolar, enquanto a intertextualidade evidencia as heranças literárias nos temas, na perspectiva e no estilo de escrita do narrador.	The aim of this study was to analyze intermediality and intertextuality in the inclusion of allusions to French scholar Roland Barthes (1915-1980) in the letter written by Little Dog, the protagonist of the novel <i>On Earth We're Briefly Gorgeous</i> (2019) by Vietnamese American author Ocean Vuong (1988-). More specifically, they are references to the books <i>Le plaisir du texte</i> (1973), <i>Roland Barthes par Roland Barthes</i> (1975), and <i>Journal de deuil</i> (2009), which feature varied textual configurations. Therefore, it was necessary to identify how dialogues occur between the letter and the formats of the other works through language. Subsequently, to investigate the thematic connections between passages in Little Dog's letter and excerpts from Barthes' texts. Finally, to describe how the impact of these connections contributes to the construction of meanings in the structure and content of the novel. The theoretical framework was primarily established by studies of Clüver (2009; 2011) on the interaction between different media and Rajewsky (2012; 2015; 2020) on the subcategories involving media entanglements. The results showed that intermediality enhances the structural complexity of the epistolary novel, while intertextuality highlights the literary inheritances on the themes, perspective, and writing style of the narrator.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Intermedialidade; Intertextualidade; Sobre a terra somos belos por um instante; Ocean Vuong; Roland Barthes.	Intermediality; Intertextuality; On Earth We're Briefly Gorgeous; Ocean Vuong; Roland Barthes.

INTRODUÇÃO

Em primeiro de agosto de 1978, o autor francês Roland Barthes (1915-1980) registrou em seu *Diário de Luto: 26 de outubro 1977 - 15 de setembro de 1979* que “a literatura é isto: não posso ler sem dor, sem sufocação, de verdade, tudo o que Proust escreve em suas cartas sobre a doença, a coragem, a morte de sua mãe, seu desgosto, etc” (2011, p. 173). Tal passagem destaca a profundidade da literatura em conseguir imergir leitores na visão de mundo desenvolvida por autores, atingindo identificações e reflexões com os temas abordados.

Esse registro faz referência às cartas de Marcel Proust (1871-1922), que contêm a temática do luto pela morte da mãe, o qual é o mesmo assunto dessa produção barthesiana lançada em 2009 na França, sob o título *Journal de deuil*. Em outros momentos do livro, Barthes não só menciona os subtemas proustianos que ele contempla, como também insere trechos na íntegra.

A integração de fragmentos de Proust, escritos em diversos formatos (não só cartas), ao diário é uma combinação de mídias. Ela ilustra como a intermedialidade pode aprimorar a experiência literária, permitindo que textos de naturezas estruturais distintas se complementem e ofereçam novas camadas de significado.

Também é válido ressaltar que essa intermedialidade é composta por uma referência intermediática, ou seja, uma relação intertextual. Isso porque, ao evocar Proust, Barthes cria um elo que transcende os limites do conteúdo de cada mídia, unificando-as. Nesse processo, ele reforça a universalidade de sentimentos e situações humanas, independentemente da estrutura literária em que são inicialmente escritas. Como Clüver (2006, p. 14 *apud* Clüver, 2011, p. 17) afirma, “a intertextualidade sempre significa também intermedialidade”. Portanto, essa conexão de percepções individuais sobre o luto resulta em uma fusão de diferentes formas de expressão textual. Elas se interligam, ampliando a compreensão e a intensidade emocional dos escritos de Barthes.

Ao trazer essa técnica de incluir estruturas e conteúdos de um texto para outro no cenário literário ficcional da transição da segunda para a terceira década do século XXI, chega-se ao romance *On Earth We're Briefly Gorgeous* do vietnamita-americano Ocean Vuong (1988-). Ele foi publicado originalmente em 2019 nos Estados Unidos da América (E.U.A.), mas traduzido em 2021 como *Sobre a terra somos belos por um instante* no Brasil. O livro é apresentado como uma carta escrita pelo vietnamita-americano homossexual de vinte e oito anos, Little Dog, para sua mãe, Rose, que não sabe ler. Ele é consciente de que seus escritos não chegarão a ela, mesmo assim a mantém como destinatária. Os assuntos envolvem a construção de sua identidade na sociedade estadunidense, o que inclui reflexões sobre diversas dimensões que os conectam. Como apontado por Gomes (2024, p.

311), Vuong utiliza suas experiências como gay, imigrante vietnamita nos E.UA. e filho de uma iletrada para formular a jornada do protagonista. Desse modo, entrelaça o real com a ficção.

Na escrita de *Little Dog*, uma característica que se destaca é a referência a trabalhos de Barthes para desenvolver raciocínios sobre os temas que rodeiam sua relação com Rose. Há um fragmento de *Journal de deuil*, um conjunto de notas que registram o luto do autor pela morte da mãe entre 1977 e 1979, organizado por Nathalie Léger e publicado postumamente em 2009, cuja versão brasileira recebeu o título *Diário de luto*; dois de *Le plaisir du texte*, de 1973, um ensaio teórico e crítico sobre a experiência do prazer proporcionado pela leitura e a interação do leitor com o texto, traduzido como *O prazer do texto*; e um de *Roland Barthes par Roland Barthes*, de 1975, um autorretrato literário em que o autor revisita sua própria vida e coleção de trabalhos de modo reflexivo e metaficcional, que no Brasil circulou como *Roland Barthes por Roland Barthes*. Em inglês, língua acessada pelo personagem, essas obras correspondem respectivamente a *Mourning Diary*, *The Pleasure of the Text* e *Roland Barthes by Roland Barthes*. Isso quer dizer que, assim como Barthes se apoia em Proust como um pilar em seu diário, *Little Dog* se apoia em Barthes em sua carta, cultivando, então, um diálogo intermidial e intertextual nessa ficção contemporânea.

Conforme constatado por Candido (1993, p. 123), é comum afirmarem que uma obra literária se constitui mais a partir de precedentes do que de estímulos diretos do cotidiano. Para reforçar esse raciocínio, ele se une à proposição de Proust a respeito de que cada vez que um grande artista surge, ele recria o mundo a seu modo, revelando novas perspectivas para que o público veja de acordo com sua visão. Em vista disso, considerando que os artistas consomem obras que fornecem elementos para suas produções, essa prática de recriação e referência torna-se um campo de estudo intrigante por ser intrínseco à elaboração de novas realidades estéticas e perceptivas na arte.

Diante desse panorama, a justificativa para este trabalho reside na análise da intermidialidade e da intertextualidade na literatura como uma abordagem que aprimora a compreensão dos processos criativos e das camadas de significado presentes nos textos. Essa conjuntura impulsiona o interesse em apreender as dinâmicas que compõem a inclusão de excertos barthesianos em *On Earth We're Briefly Gorgeous*. Afinal, estudar essas interações não aprofunda somente o entendimento das ressonâncias literárias e ideológicas de Barthes em Vuong — ou, mais especificamente, no narrador *Little Dog* —, mas também revela como a literatura pode ser um espaço de diálogo entre diferentes manifestações de expressão e contextos históricos.

O problema que motiva esta pesquisa é compreender de que maneira a intermidialidade e a intertextualidade entre os livros de Barthes e a carta de *Little Dog*

permeiam o desenvolvimento temático e a construção de significados em *On Earth We're Briefly Gorgeous*. Para interpretar como tais interações se concretizam, urge examinar tanto as teorias que envolvem essas questões quanto as partes da carta onde as relações estão presentes.

O principal objetivo deste trabalho, portanto, é analisar a intermedialidade e a intertextualidade na inclusão de trechos de *Journal de deuil*, *Le plaisir du texte* e *Roland Barthes par Roland Barthes* na carta de Little Dog em *On Earth We're Briefly Gorgeous*. Para isso, é necessário identificar como ocorrem as interações entre a carta e os formatos das outras obras através da linguagem. Em seguida, investigar as conexões temáticas das passagens da carta de Little Dog com os excertos de Barthes. Por fim, descrever como o impacto dessas conexões contribui para a construção de significados na estrutura e no conteúdo do romance.

1 INTERMEDIALIDADE E INTERTEXTUALIDADE NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

De acordo com Culler (1999, p. 41), “a literatura é uma prática na qual os autores tentam fazer avançar ou renovar a literatura e, desse modo, é sempre implicitamente uma reflexão sobre a própria literatura”. Tal afirmação sugere, pelo menos, dois enfoques sobre o fazer literário.

Primeiramente, a criação literária não é advinda de uma inspiração súbita e mística, mas de diálogos com produções de períodos diversos, avaliando e desafiando suas convenções. Isso evidencia a impossibilidade de ser um escritor do século XXI com uma composição completamente inédita, sem qualquer referência a obras precedentes. Portanto, para que alguém produza um texto socialmente reconhecido como original, há um processo complexo que envolve a habilidade de inovar a partir da combinação de modelos e conhecimentos adquiridos. Além disso, inclui o refinamento de sua identidade de escrita, conforme incorpora e responde aos impactos de seu contexto cultural, histórico e pessoal.

Em segundo lugar, como resultado da ação anterior, a produção literária é reflexiva e dinâmica, o que faz com que cada história publicada potencialmente mantenha o campo literário em constante desenvolvimento. Alguns dos aspectos que contribuem para a permanência dessa autotransformação na contemporaneidade (década de 2020) são os diálogos com a tradição literária e com mídias variadas, tanto no campo das ideias quanto na estrutura textual. Como pontuado por Lima (2023, p. 2), a consistência dessa característica interacional pode ser entendida pela necessidade da literatura de se renovar e se adaptar devido à crescente dissolução das fronteiras entre diferentes formas de expressão. Dessa maneira, a fim de permanecer pertinente, ela se reinventa continuamente para acompanhar e refletir as mudanças sociais, culturais e tecnológicas do século XXI.

Por consequência, a noção rígida de gênero literário aristotélico enfraquece sua relevância na atualidade. As dimensões das obras desse momento da história transcendem categorias tradicionais e refletem a complexa diversidade fluida e híbrida do mundo moderno. Assim, o cenário atual se caracteriza pela integração de formatos literários com outras expressões artísticas e mídias, ampliando as possibilidades criativas dos escritores.

Por exemplo, em *On Earth We're Briefly Gorgeous*, Vuong elaborou um romance que é, na verdade, o próprio livro escrito pelo protagonista no estilo de uma carta, a qual inclui diálogos com passagens de Barthes que não seguem essa mesma estrutura. Isso resulta em uma abordagem não óbvia, abrangente e imersiva da construção do mundo ficcional. Tal convergência de mídias e maneiras de expressão reflete a natureza multifacetada e interconectada da cultura contemporânea na narrativa.

Baseado nesse raciocínio, é fundamental definir o que são mídias para, em seguida, examinar a relação delas na interação do romance epistolar com as obras barthesianas. Assim, este artigo, incorpora o conceito exposto por Bohn, Müller e Ruppert (1988, p. 10 *apud* Clüver, 2011, p. 9) sobre elas serem “aquilo que transmite um signo (ou uma combinação de signos) para e entre seres humanos com transmissores adequados através de distâncias temporais e/ou espaciais”. Ou seja, são meios de comunicação que permitem transmitir informações, ideias ou mensagens capazes de conectar indivíduos mesmo quando estão fisicamente distantes ou em momentos distintos. Com base nesse entendimento, o diálogo intermidial é visualizado como um “cruzamento de fronteiras” (Clüver, 2011, p. 16). Afinal, ele envolve o entrelaçamento de pelo menos duas mídias para proporcionar novos significados e olhares estéticos.

Nesse sentido, chega-se às subcategorias da intermidialidade classificadas por Rajewsky (2015 *apud* Ramazzina-Ghirardi; Rajewsky; Diniz, 2020, p. 18-19), que são identificadas no diálogo do livro de Vuong com as obras de Barthes. A primeira é a combinação de mídias, o que significa haver uma estrutura que se distingue da que é predominante. Em termos práticos, isso ocorre quando *Little Dog* integra explicitamente uma mídia (diferentes formatos de textos de Barthes) dentro de outra mídia (sua carta), criando uma relação entre elas. A segunda é a referência intermediática, que corresponde à intertextualidade, isto é, ao ato de aludir, evocar ou usar elementos característicos de outra mídia, com a incorporação de suas técnicas, estilos ou temas de maneira explícita ou implícita. Novamente, em termos práticos, isso é evidenciado quando o protagonista menciona fragmentos de outras produções na carta, engajando-se com assuntos e reflexões que nelas aparecem.

Outrossim, é válido pontuar que, conforme Higgins (2012, p. 48-49) argumenta, embora entenda-se que a vanguarda questiona formas e mídias tradicionais, a qualidade de uma obra não depende de sua intermidialidade. A relevância de uma história para o

público contemporâneo é mais avaliada por sua oferta de conteúdos que engajem discussões do que por suas características estruturais. Isso significa que articular relações intermidiais de maneira inovadora ou até mesmo com produções consideradas canônicas não é o suficiente para garantir um mérito literário na sociedade. No entanto, para os Estudos Literários, alcança-se uma integração ideal quando um texto consegue construir uma narrativa significativa que cativa seus leitores e, ao mesmo tempo, estabelecer um diálogo intermidial bem elaborado.

É fundamentado nessa visão que muitos escritores da nova geração, como Vuong, se destacam na cena atual por inovarem em estilo de escrita, estrutura narrativa ou abordagem temática, mesmo tendo raízes de produções literárias anteriores. O que lhes dá tal mérito é não tentarem usar a intermidialidade com o intuito de determinar o valor intrínseco de seus trabalhos, mas de aprimorar os significados temáticos e estéticos.

A interação entre *Journal de deuil*, *Le plaisir du texte* e *Roland Barthes par Roland Barthes* com *On Earth We're Briefly Gorgeous* exemplifica como a intermidialidade pode ser habilmente empregada na literatura contemporânea. Ao integrar passagens desses livros na estrutura epistolar do romance, a narrativa avança com reflexões elaboradas, temas complexos e uma abordagem que não se reduz à inclusão superficial de referências. Por consequência, é tecido um diálogo intertextual que, além de ampliar as camadas interpretativas, aponta para uma originalidade literária própria. Isso faz o público refletir não somente sobre o que os textos de Barthes evocam, mas principalmente sobre o que Vuong, através da voz de Little Dog, tem a contribuir para tais discussões.

2 DIÁLOGOS INTERMIDIAIS E INTERTEXTUAIS EM *ON EARTH WE'RE BRIEFLY GORGEOUS*

As cenas selecionadas para esta análise de *On Earth We're Briefly Gorgeous* destacam a relação entre a escrita da carta de Little Dog e a integração de trechos das obras de Barthes, que foram produzidas em outros formatos textuais. O exame ocorre por meio dos conceitos que rodeiam a intermidialidade e a intertextualidade na literatura para ampliar as nuances relacionadas aos fragmentos que apresentam esses diálogos entre mídias distintas. Esse processo resulta na visualização de como os pensamentos barthesianos reverberam tanto na construção de significados na estrutura do romance quanto no desenvolvimento temático da trajetória narrada pelo protagonista.

Antes de se aprofundar em cada passagem, é curioso refletir sobre a origem do contato de Little Dog com as palavras de Roland Barthes e os motivos pelos quais ele se sente inspirado pelo francês, a ponto de mencioná-lo algumas vezes ao longo de sua narrativa. Embora o personagem não explique explicitamente essas questões, é possível

supor os fatores que contribuíram para a formação desse vínculo, levando em consideração as situações abordadas na história.

Nesse sentido, devido ao vietnamita-americano ter se graduado em Letras (com ênfase em língua inglesa), é provável que seu primeiro contato com os trabalhos barthesianos tenha ocorrido no ambiente acadêmico, visto que Barthes é um autor canônico nos currículos desse curso ao redor do mundo.

Além disso, Little Dog compartilha algumas características pessoais com Barthes, o que justifica sua admiração. Ambos são não heterossexuais vivendo em espaços que marginalizam suas identidades. Escrevem suas perspectivas sobre a vida para a mãe, com a consciência de que ela não lerá o que está sendo escrito. Têm relações intrincadas com suas ferramentas profissionais: a linguagem e a escrita, interpretadas como estruturas que carregam o poder de construir, desconstruir e subverter as pessoas e a sociedade. Consequentemente, reflexões sobre o papel do escritor também são um ponto em comum, visto que demonstram empenho em tentar fazer suas ideias serem compreendidas por meio de suas escolhas linguísticas e narrativas. Por fim, são engajados em trabalhar subjetivamente temas acerca da figura materna e do luto.

Apesar desses pontos não serem fundamentais para análise intermidial e intertextual, conhecê-los melhora a compreensão sobre como a identidade do vietnamita-americano ficcional está presente nos diálogos com Barthes.

Tendo em vista essa contextualização, Little Dog começa a destacar a relevância de Barthes para a escrita da carta logo nas primeiras páginas, quando está apresentando a relação com sua mãe na infância. O vietnamita-americano inicia sua produção direcionada a Rose com a afirmação de que tem o intuito de alcançá-la subjetivamente de algum jeito, mesmo considerando que ela não terá acesso direto ao texto. Em seguida, ele registra suas lembranças mais antigas dela maltratando-o, para construir um panorama que ressalta as múltiplas camadas do vínculo entre os dois desde cedo.

A primeira agressão foi especialmente impossível de ser esquecida devido à razão que levou sua mãe a fazer isso: aos quatro anos, ele tentou ensiná-la a ler da mesma maneira que sua professora fazia. Após gaguejadas e falhas na execução de performar essa habilidade linguística, ela expressa sua sensação de constrangimento perante o filho, agredindo-o e se negando a continuar o estudo.

Adiante, o narrador afirma:

I reread Roland Barthes's *Mourning Diary* yesterday, the book he wrote each day for a year after his mother's death. *I have known the body of my mother*, he

writes, *sick and then dying*. And that's where I stopped. Where I decided to write to you. You who are still alive (Vuong, 2019, p. 7, grifo do autor)¹.

A partir de então, contrastando com as memórias infelizes, ele dedica alguns parágrafos para relembrar momentos em que a relação mãe e filho se fortalecia em alegria, os quais incluem apontamentos para sua consciência sobre a realidade de Rose naquela fase da vida.

Aos quase trinta anos, Little Dog entende que sua figura materna é uma vítima da Guerra do Vietnã que migrou para os E.U.A. levando alguns traumas da guerra, além de ter desenvolvido outros devido às dificuldades econômicas e barreiras linguísticas e culturais. Ademais, pouco tempo após chegar nos E.U.A., tornou-se mãe solteira após o pai de Little Dog ter sido preso por agredi-la. Isso a fez trabalhar longas horas em condições difíceis para sustentar a família, muitas vezes em empregos que exigiam trabalho manual pesado, como em salões de manicure. Consequentemente, o estado de saúde mental da personagem se agrava e resulta em comportamentos imprevisíveis, às vezes violentos.

No excerto em questão, há um diálogo explícito entre *On Earth We're Briefly Gorgeous* e *Journal de deuil*. Isto é, Little Dog indica exatamente a obra de Barthes à qual se refere e faz uma integração direta da citação (ênfaticamente em itálico). Ao combinar o diário, que é propriamente para expressão pessoal e reflexão contínua ao longo do tempo, com a carta, que é um meio de comunicação informativo endereçada a outrem, o personagem cria uma relação intermidial que enriquece o romance por unir dois textos de origens estruturais e conceituais diferentes.

A distinção entre o diário e a carta fica evidente devido ao uso de estruturas esperadas para tais formatos. O primeiro aparece em itálico, com uma abordagem do tema mais séria, introspectiva e reflexiva sobre uma memória pessoal. Já o segundo é consciente de que está escrevendo para outra pessoa e não apenas refletindo para si, o que orienta a linguagem e o conteúdo da escrita. Isto é, a carta tem um propósito comunicativo claro: alcançar Rose por meio da descrição de sentimentos e experiências de uma maneira que o narrador acredita que ela poderia entender se fosse lê-la.

Como argumenta Wolf (2005, p. 254), a combinação de mídias e referências intermediárias afeta necessariamente o significado ou a aparência externa do trabalho. Nesse caso, como já visto, afeta ambos, porque além da visibilidade dessa relação na aparência do texto, também tem um impacto em seu conteúdo. O efeito dessa relação intertextual permite que Little Dog aproveite as palavras barthesianas como um ponto de

¹ Tradução: "Reli o *Diário de luto* do Roland Barthes ontem, o livro que ele escreveu todo dia, por um ano, depois da morte da mãe. *Conheci o corpo da minha mãe*, ele escreve, *doente e depois moribundo*. E foi aí que eu parei. Foi aí que eu decidi te escrever. Você que ainda está viva" (Vuong, 2021, p. 14, grifo do autor).

referência emocional e intelectual capaz de ampliar suas considerações sobre a dinâmica com sua mãe.

Ao promover uma conexão entre a dor de Barthes pelo falecimento da mãe e suas vivências difíceis com Rose, o vietnamita-americano ressalta um olhar para a importância da figura materna em sua vida, mesmo reconhecendo suas imperfeições. Desse modo, ele expressa o desejo de compreendê-la e aceitá-la como é, enfrentando a possibilidade iminente de perdê-la e valorizando sua presença enquanto pode, independentemente dos desafios familiares. O resultado dessa intertextualidade evidencia como a leitura de Barthes funciona como um catalisador para Little Dog processar suas emoções em relação à mãe, permitindo uma compreensão mais empática de sua história com ela.

O diálogo seguinte entre Little Dog e Barthes é introduzido por uma compra de rabo de boi mal sucedida. O que era para ter sido uma atividade comum acabou em frustração e humilhação. Little Dog vai com sua mãe e avó até um açougue, e lá Rose sente dificuldade para encontrar esse pedaço de carne. Ao tentar pedir ajuda aos açougueiros usando a língua vietnamita, fragmentos de francês (idioma que teve certo contato na infância), gestos e até a imitação de um boi, ela se depara com a ridicularização tanto pelo açougueiro quanto por outros presentes devido à incompreensão de sua tentativa de comunicação. Isso deixa Rose visivelmente desconfortável. Ela pede ajuda ao filho, mas ele não consegue, pois também não sabe esse vocabulário específico em inglês. Consequentemente, ele também se sente envergonhado e impotente por não poder ajudá-la, aumentando a frustração e o constrangimento da situação. No final, desistindo de sua busca, ela se silencia e compra um pão fatiado, um pote de maionese e anéis de humor para a família, como um gesto de consolo.

Por não conseguirem atravessar a barreira comunicativa, Little Dog reflete sobre essa situação envolvendo a complexidade da língua materna na imigração para um país que se comunica em outro idioma, a partir de um pensamento barthesiano.

No object is in a constant relationship with pleasure, wrote Barthes. For the writer, however, it is the mother tongue. But what if the mother tongue is stunted? What if that tongue is not only the symbol of a void, but is itself a void, what if the tongue is cut out? Can one take pleasure in loss without losing oneself entirely? The Vietnamese I own is the one you gave me, the one whose diction and syntax reach only the second-grade level (Vuong, 2019, p. 31, grifo do autor)².

² Tradução: “Nenhum objeto está numa relação constante com o prazer, escreveu Barthes. Para o escritor, no entanto, esse objeto existe, é a língua materna. Mas e se a língua materna atrofiar? E se essa língua for não só o símbolo de um vácuo, mas for em si um vácuo, e se a língua for amputada? É possível sentir prazer na perda sem se perder inteiramente? Meu vietnamita é o que você me deu, é aquele cuja dicção e cuja sintaxe chegam apenas ao nível da segunda série” (Vuong, 2021, p. 36, grifo do autor).

O narrador questiona a ideia de Barthes sobre a língua materna ser um objeto de prazer constante quando ela se torna um vácuo ou é amputada. Para Little Dog, seu vietnamita é limitado e marcado pela interrupção da educação de sua mãe, que saiu da escola abruptamente aos cinco anos devido a um ataque que destruiu a instituição. Adicionalmente, ele só usa esse idioma em casa, tornando-o confinado a um ambiente restrito. Digerir esse episódio no açougue fez o jovem vietnamita-americano prometer nunca mais ficar sem palavras quando sua mãe precisar dele, assumindo o papel de intérprete oficial da família. Assim, ele começa a preencher as lacunas linguísticas, usando seu inglês para se comunicar por ela em várias situações. Isso atrai a atenção das pessoas na sociedade estadunidense, as quais comentam que sua mãe deve ser feliz por tê-lo fazendo isso. No entanto, o narrador afirma que, na verdade, não sabia se ela era realmente feliz naquela época.

A respeito desse diálogo intermidial com Barthes, Little Dog faz uma integração direta, ressaltada em *itálico*, de um excerto de *Le plaisir du texte*. Nesse momento, apesar de não mencionar o título, ele está combinando a carta com uma narrativa ensaística renomada, cujo objetivo do formato é promover a reflexão sobre um tema específico com uma abordagem teórica e crítica, mais voltada para uma argumentação pessoal.

Como apontado por Rajewsky (2012, p. 53, grifo do autor),

[...] qualquer referência à intermidialidade presume que é possível fixar os limites de mídias individuais, já que seria complicado discutir *intermidialidade* caso nós não conseguíssemos discernir e apreender as entidades distintas envolvidas na interferência, na interação ou na reciprocidade.

Nesse caso, os limites do ensaio são distinguidos pela visualidade em *itálico*, com uma linguagem predominantemente autoral e analítica, usando uma estrutura lógica para afirmar um ponto de vista. Em contraste, a carta contempla uma abordagem mais informal, especulativa e poética, enfocando uma comunicação íntima entre remetente e destinatário. Além disso, a maneira como cada um lida com o tema destaca diferentes pontos de vista.

Quanto à temática que conecta ambas as mídias, trata-se da complexidade da língua materna. Barthes perpassa esse tópico em sua obra para afirmar que ela proporciona um prazer constante ao escritor, por estar carregada de familiaridade e nuances culturais que corroboram a intimidade com as palavras, facilitando o uso criativo da linguagem. Ao se referir a este texto em seu discurso, o personagem ficcional busca questionar a validade de uma visão academicamente consolidada, mais precisamente, por meio de sua experiência como alguém que teve uma limitação no desenvolvimento do idioma de herança causado

pela experiência de imigração e guerra. Logo, ele ressalta a indagação sobre até que ponto essa interpretação barthesiana é inclusiva e aplicável às realidades individuais marcadas por adversidades linguísticas e culturais — o que inclui aqueles que também são escritores, grupo mencionado por Barthes no excerto.

Essa intertextualidade proporciona uma densidade ao questionamento da adequação das reflexões teóricas à vivência individual real. Além disso, destaca o impacto da língua materna na formação da identidade e na comunicação interpessoal, especialmente em situações de migração, nas quais surgem desafios linguísticos, como a necessidade de aprender o idioma oficial do país de acolhimento e a consequente marginalização do idioma nativo não falado nesse cenário.

A terceira circunstância em que as ideias barthesianas se relacionam com as de Little Dog é logo após a cena do açougue analisada anteriormente. Na volta ao apartamento, o personagem reflete sobre o papel de sua família de imigrantes na sociedade estadunidense devido à maneira como o país os marginaliza. Isso o leva a identificar os sinais que demonstram conexão e comunicação emocional dentro de seu ciclo familiar, que os ajuda a resistir às barreiras linguísticas e culturais que os cercam.

Little Dog descreve com um olhar positivo que, apesar de estarem sem o rabo de boi desejado, estão com três anéis de humor, cada um cintilando em um dedo. Além disso, sua mãe está deitada de bruços sobre uma coberta no chão, enquanto a avó Lan, sentada em suas costas, massageia os ombros tensionados da filha. Ao mesmo tempo, envolvidos pela luz esverdeada da televisão que cria a ilusão de que estão submersos na água, Lan murmura sobre suas vidas passadas, interrompendo-se apenas para perguntar a Rose onde ela sente dor. Nesse quadro de conexão íntima e comunicação não verbal, o pensamento barthesiano ressoa no vietnamita-americano:

Two languages cancel each other out, suggests Barthes, beckoning a third. Sometimes our words are few and far between, or simply ghosted. In which case the hand, although limited by the borders of skin and cartilage, can be that third language that animates where the tongue falters (Vuong, 2019, p. 33)³.

Barthes contribui para o desenvolvimento do raciocínio de que, para a língua vietnamita, expressões como *I love you*⁴ são mais claras em ações do que em palavras. Assim, o narrador observa que o amor se manifesta em sua família por gestos cotidianos, como

³ Tradução: “Dois idiomas cancelam um ao outro, sugere Barthes, acenando para um terceiro. Por vezes nossas palavras são escassas e distantes entre si, ou simplesmente vêm de outras pessoas. Nesse caso as mãos, embora limitadas pelas fronteiras da pele e da cartilagem, podem ser o terceiro idioma que dá vida quando a língua vacila” (Vuong, 2021, p. 38).

⁴ Tradução: Eu te amo.

cuidar dos cabelos brancos ou confortar o medo de um ente querido. Ao participar da massagem em sua mãe, com a avó, ele experimenta uma ocasião em que o toque físico transcende as limitações da linguagem, conectando-os intensamente com o significado que ele havia aprendido sobre o que é essa instituição social.

Quando Rose questiona sua própria felicidade ao anel de humor durante essa cena de cuidado mútuo, e, em seguida, Lan faz o mesmo, o protagonista percebe que tal pergunta vai além do bem-estar físico que a massagem proporciona. Nesse instante, Little Dog dá um significado para os anéis juntos, relacionado à busca por felicidade e compreensão mútua em um ambiente desafiador (os E.U.A.). Logo, ele finge decifrar o humor do acessório, ratificando que elas estão felizes. As mesmas confirmam, o que os faz celebrar. A resposta afirmativa reflete não apenas um estado emocional momentâneo, mas também uma aspiração por uma conexão mais constante entre eles para enfrentar as adversidades cotidianas.

Acerca da relação intermidial que Little Dog estabelece com Barthes nessa cena, trata-se de uma integração da interpretação dele sobre um assunto abordado pelo escritor francês em seu renomado autorretrato literário. Ou seja, não há uma inserção direta do texto barthesiano, por isso, as palavras correspondentes à outra mídia também não estão ressaltadas em itálico. Além disso, o título da obra não aparece explicitamente na carta. Vuong registra na sessão de agradecimentos que essa é uma citação parafraseada do livro *Roland Barthes par Roland Barthes*.

O objetivo desse tipo de formato usado por Barthes é explorar imersivamente a representação da vida e da identidade do autor. Isso significa que os eventos que compõem a história real do indivíduo são narrados contemplando o exame das construções culturais, linguísticas e sociais que moldam sua compreensão da sociedade. Além de buscar isso, o francês adota um olhar ficcional sobre sua própria jornada, sugerindo que a verdade pessoal pode ser capturada e comunicada mediante uma lente literária. Esse estilo oferece uma maior liberdade expressiva e, por conseguinte, interpretativa.

Tal como no segundo excerto analisado, mesmo sem evidenciar o título e, nesse caso, não usar as palavras do autor, Little Dog faz uma combinação de mídias. Ele traz a ideia de Barthes dentro de sua escrita, usando-a como um ponto de partida para uma expressão individual. Apesar de não empregar os termos barthesianos, ele ressalta de quem é o raciocínio usado para que ele elaborasse seu próprio. Consequentemente, ele enriquece a estrutura da carta ao incorporar tal tópico do autorretrato literário nela, independentemente de ser uma versão reformulada com seu vocabulário.

O resultado da referência intermediária nessa parte da narrativa expande o olhar barthesiano sobre a comunicação humana. A união da ideia de Barthes com a experiência de vida de Little Dog permite que o vietnamita-americano desloque a abordagem sobre a

ascensão de um terceiro idioma para um novo contexto e apresente sua perspectiva. Isto é, apontando que a linguagem não é só verbal, mas também física e gestual, o que abarca a compreensão sobre como diferentes modos de comunicação podem interagir e complementar-se. Essa interação entre os pontos de vista ressignifica a carta, transformando-a em um veículo de autoconhecimento e autoexpressão para o protagonista, ao invés de ser meramente um meio de transmitir seus pensamentos para a destinatária.

Ao descrever como o toque físico, representado pela massagem de Lan em Rose, atua como um meio de comunicação que transcende as palavras, Little Dog ecoa e expande o conceito de Barthes. Isso cria um diálogo direto entre os textos, onde a teoria barthesiana sobre a comunicação não verbal se manifesta visivelmente na vida dos personagens de Vuong. Assim, essa intertextualidade demonstra que, de fato, “[...] conceitos atuais [dela] [...] incluem ‘textos’ de diferentes sistemas de signos dentre os muitos, cujas características aparecem na leitura de qualquer texto individual, sem referência ou alusão específica” (Clüver, 2009, p. 506, tradução nossa)⁵. Isso significa que a ressonância e a presença de elementos variados em uma produção podem ser percebidas sem a necessidade de menções diretas.

Conclui-se, portanto, que essa relação intermediática não se trata de uma referência que está delimitada para ressaltar sua distância da mídia que a incorpora (a carta). Na realidade, é uma integração viva do conteúdo textual do autorretrato literário por trazer o entendimento do personagem vuonguiano sobre ele.

O último fragmento que contém uma conexão entre as palavras barthesianas e a composição de Little Dog aparece na narração de uma memória da infância sobre um dos muitos domingos em que sua mãe ia trabalhar no salão de manicure nas primeiras horas da manhã e voltava para casa exausta. O vietnamita-americano relembra uma dessas noites em que a ajudou a relaxar, esfregando suas costas com uma pomada. O cuidado que ele dedicava ao ritual, seguindo as orientações de Rose, reforça mais um momento em que o vínculo entre eles é intensificado para enfrentarem os desafios presentes na sociedade estadunidense, os quais deixam marcas tanto físicas quanto emocionais nela. Desse modo, as tentativas de aliviar tais dores simbolizam a resistência e a força da relação familiar diante das dificuldades e do estresse do dia a dia.

Ao escrever sobre isso no texto epistolar, o narrador afirma:

I think of Barthes again. A writer is someone who plays with the body of his mother, he says after the death of his own mother, in order to glorify it, to embellish it.

⁵ Texto original: “[...] [its] current concepts [...] include ‘texts’ from different sign systems among the many whose traces appear in the reading of any single text, without specific reference or allusion”.

How I want this to be true.

And yet, even here, writing you, the physical fact of your body resists my moving it (Vuong, 2019, p. 85, grifo do autor)⁶.

Como escritor, Little Dog, de fato, percebe que termina adornando o corpo de sua mãe. Apesar de conviver com o dilema de querer ser fiel às realidades físicas dela, a fim de transpor sua verdadeira essência e deixá-la imortalizada nas páginas de sua produção, ele não consegue. Logo, tais características, como sua pele ser mais clara do que a dele, as dobras presentes em sua cintura e os pontos de tensão que o fazem massageá-la, terminam sendo retratados de um jeito que mescla o real com o enaltecimento. Isto é, suavizando suas imperfeições e transformando a singularidade dela em uma representação idealizada (emocionalmente carregada).

Quanto à análise da combinação de mídias nesse trecho, trata-se do uso dos mesmos recursos apresentados no segundo caso. Isso porque essa citação barthesiana também foi obtida de *Le plaisir du texte* e inserida na carta em alinhamento com as mesmas características de integração feitas em tal cena.

É notável que, apesar do narrador não explicitar qual é obra do autor francês, ele afirma que tais palavras foram proferidas após o falecimento de sua mãe, ou seja, após 1977. No entanto, isso não corresponde à verdade, uma vez que a publicação original ocorreu em 1973, antes do evento mencionado. Vale ressaltar, contudo, que isso não altera a análise em questão.

O tema que une Little Dog a Barthes gira em torno do gesto de captura da figura materna através da escrita. Ambos tratam de como o escritor tem a habilidade (e o privilégio) de conseguir usar os elementos lexicais para eternizar a própria mãe. Todavia, uma característica que chama a atenção deles por ser comumente usada nesse procedimento é a ornamentação da linguagem para representá-la, o que termina enobrecendo as nuances que a compõem.

Segundo Rajewsky (2012, p. 25 *apud* Ramazzina-Ghirardi; Rajewsky; Diniz, 2020, p. 20), as referências intermediáticas servem “como estratégias de construção de sentido que contribuem para a significação total do produto”. Logo, dessa vez, elas aparecem na carta com o intuito de salientar o ponto de vista do vietnamita-americano sobre o assunto, comparando-o com uma perspectiva amplamente reconhecida na área. Isso colabora para o reconhecimento de uma autenticidade à voz de Little Dog na carta, por mostrar que ele

⁶ Tradução: “Penso em Barthes de novo. Um escritor é alguém que brinca com o corpo da mãe, ele diz depois da morte de sua própria mãe, com o objetivo de glorificá-lo, de torná-lo mais belo.

Como quero que isso seja verdade.

E no entanto, mesmo aqui, escrevendo para você, o fato físico do teu corpo resiste a meus movimentos” (Vuong, 2021, p. 84, grifo do autor).

não repete um olhar estabelecido e, em vez disso, oferece uma consideração distinta e reflexiva.

Como visto, o francês não apresenta uma problematização para essa glorificação do corpo materno na transposição dele para palavras. Em contraste, Little Dog revela conviver com a frustração de querer tanto embelezar Rose quanto traçar com fidelidade cada um dos seus aspectos. O que torna complicada a possibilidade de uma representação fidedigna é especialmente as limitações que existem na própria linguagem. Não há vocabulário suficiente para expressar a profundidade da experiência humana e da realidade da mãe. Por isso, ele, como escritor, termina recorrendo a jogos com a estrutura das frases e os significados das palavras para se aproximar da constituição multifacetada desse ser humano, buscando transmitir não só a aparência, mas também sua interpretação sobre a essência dela.

3 CONCLUSÃO

Este artigo examinou as relações intermediais e intertextuais das obras de Roland Barthes — *Journal de deuil*, *Le plaisir du texte* e *Roland Barthes par Roland Barthes* — na carta de Little Dog em *On Earth We're Briefly Gorgeous*, de Ocean Vuong. Para atingir essa finalidade, foi necessário analisar as cenas em que o protagonista integrou pensamentos barthesianos em sua escrita. Dessa maneira, foi possível visualizar o impacto desses textos na carta tanto no eixo estrutural, por se tratar do cruzamento entre mídias com formatos distintos, quanto no temático, por expandir as experiências e reflexões concebidas pelo protagonista no desenvolvimento de raciocínios sobre os temas que rodeiam o vínculo com sua mãe.

Entender a intermedialidade que compôs o romance no formato de carta permitiu ratificar sua complexidade estrutural. Ao incorporar fragmentos de obras de Barthes, o texto de Little Dog transcende sua função básica de comunicação e se transforma em um espaço de intersecção entre fronteiras de diferentes mídias e formas de expressão literária (o diário, o ensaio teórico e o autorretrato literário). Essa fusão amplia as possibilidades da narrativa ao desafiar as convenções de escrita, criando uma composição que é, ao mesmo tempo, fragmentada e coesa.

A intertextualidade, nesse caso, revela como as heranças literárias moldam não apenas o conteúdo, mas também a perspectiva e o estilo de escrita dos autores. Partindo do impacto proustiano em Barthes, foi possível reconhecer a existência de uma fonte de inspiração nos temas e na maneira como ele via e usava a escrita. Proust, com suas publicações que percorrem minuciosamente as nuances humanas, teria inspirado Barthes a ver a escrita como uma ferramenta para investigar e compreender a vida. Além disso,

após a morte de sua mãe, Barthes também termina encontrando nele um reflexo de suas próprias experiências de luto, o que lhe proporciona um suporte emocional e intelectual em suas produções. Similarmente, *Little Dog* (uma versão ficcional de Vuong) se identifica com os textos barthesianos e, consequentemente, eles se tornam uma fonte para articular suas próprias dores e reflexões, usando a carta como um veículo para expressar autenticamente sua história.

Assim, essa relação intermedial e intertextual enriquece a ficção de Vuong e ressalta a importância da continuidade dos diálogos literários ao longo do tempo. Afinal, as ressonâncias barthesianas em *Little Dog* — permeadas pelas contribuições proustianas (especialmente em *Diário de luto*, por ter inspirado o personagem vietnamita-americano a escrever a sua mãe) — mostram como a literatura é cíclica e pode ser um espaço de interação entre épocas e culturas distintas.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Diário de luto**: 26 de outubro 1977 – 15 de setembro de 1979. Texto estabelecido e anotado por Nathalie Léger. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BARTHES, Roland. **Journal de deuil**. Texte établi et annoté par Nathalie Léger. Paris: Seuil, 2009.

BARTHES, Roland. **Le plaisir du texte**. Paris: Seuil, 1973.

BARTHES, Roland. **Mourning Diary**: October 26, 1977 - September 15, 1979. Trans. Richard Howard. New York: Hill & Wang, 2012.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. Jacob Guinsburg. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes by Roland Barthes**. Trans. Richard Howard. New York: Hill & Wang, 2010.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes par Roland Barthes**. Paris: Seuil, 1975.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2015.

BARTHES, Roland. **The Pleasure of the Text**. Trans. Richard Miller. New York: Hill & Wang, 1975.

CANDIDO, Antônio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Todavia, 2023.

CLÜVER, Claus. Interarts Studies: An Introduction. In: GLASER, Stephanie. (ed.). **Media Inter Media: Essays in Honor of Claus Clüver**. Amsterdam and New York: Rodopi, p. 497-526, 2009.

CLÜVER, Claus. Intermedialidade. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 8-23, nov. 2011.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

GOMES, Renato. "To Be Invisible in Order to Be Safe": A Queer Vietnamese American Experience of Self-Protection in Ocean Vuong's *On Earth We're Briefly Gorgeous* (2019). **Inventário**, Bahia, n. 34, p. 309-323, dez. 2024.

HIGGINS, Dick. Intermídia. Trad. Amir Brito. In: DINIZ, Thaís; VIEIRA, André. (Orgs.) **Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea**. v. 2. Belo Horizonte: Rona Editora e FALE/UFMG, 2012.

LIMA, Elizabeth. **Mutações de escrita literária em modo multi e metamídia**. Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura. [S.I.], v. 23, n. 3, p. 1-14, 2023.

RAJEWSKY, Irina. A fronteira em discussão: o status problemático das fronteiras midiáticas no debate contemporâneo sobre intermedialidade. Tradução: Isabella Santos Mundim. In: DINIZ, Thaís; VIEIRA, André. (Orgs.) **Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea**. v. 2. Belo Horizonte: Rona Editora e FALE/UFMG, 2012.

RAMAZZINA GHIRARDI, Ana; RAJEWSKY, Irina; DINIZ, Thaís. **Intermedialidade e referências intermidiáticas: uma introdução**. Revista Letras Raras, v. 9, n. 3, p. 11-23, ago. 2020.

VUONG, Ocean. **On Earth We're Briefly Gorgeous**. New York: Penguin Press, 2019.

VUONG, Ocean. **Sobre a terra somos belos por um instante**. Trad. Rogério Galindo. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.

WOLF, Werner. Intermediality. In: HERMAN, David; JAHN, Manfred; RYAN, Marie-Lauren. (Eds.). **The Routledge Encyclopedia of Narrative Theory**. London: Routledge, 2005.

Título em inglês:

DIALOGUES BETWEEN LITTLE DOG AND ROLAND BARTHES:
INTERMEDIALITY AND INTERTEXTUALITY IN *ON EARTH WE'RE
BRIEFLY GORGEOUS* (2019) BY OCEAN VUONG